

SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS 2018

Dicas para a sala de aula com um disléxico

1. Colocá-lo de frente e no centro da lousa, preferencialmente na 1ª carteira.
2. Tê-lo sempre perto da professora, que supervisiona seus trabalhos, principalmente na organização e sequência das atividades.
3. Escrever claro e espaçado na lousa, delimitando as partes da lousa (duas partes no máximo) com uma linha divisória vertical bem forte.
4. Exigir disciplina e concentração no conteúdo abordado, permitindo interrupções e opiniões espontâneas, desde que pertinentes ao assunto. Dizer ao aluno caso sua colocação esteja fora de contexto.
5. Valorizar sempre o conteúdo trabalhado e “tolerar” as dificuldades gramaticais, como letra maiúscula, parágrafo, pontuação, acentuação, caligrafia irregular, etc. Diminuir a tolerância à medida que os anos escolares se sucedem.
6. O disléxico geralmente tem dificuldade com a orientação e organização espaciais. Pode, sem perceber, pular folhas do caderno, pular linhas indevidamente, escrever na apostila trocada, fazer anotações em locais inadequados. Mostrar sempre o certo, não punir o erro e não criticá-lo pela falta de atenção. Diminuir a tolerância à medida que os anos escolares se sucedem.
7. O disléxico geralmente tem dificuldade em ficar sentado na carteira por muito tempo seguido. Permitir que levante-se, aponte o lápis, vá até a lousa, ou outro movimento que o relaxe, exigindo que retorne ao lugar em seguida.
8. Ser sempre clara e sucinta nas explicações das ordens dadas oralmente, preferencialmente dando exemplos e mostrando onde quer que faça a atividade. Ex.: do lado direito superior da folha, mostrar o lado e a orientação.
9. Em lugar de dizer o que não deve ser feito, diga sempre o que é esperado que se faça e como é para ser feito. Repetir a ordem se necessário.
10. Elaborar aulas com material visual, claro, criativo, que chame atenção.
11. Usar sempre mais de um canal de aprendizagem e informação, com diferentes recursos audiovisuais. Ex.: entonação na voz, dramatização, sons, desenhos, texturas, luzes, músicas, descobertas, data show, etc. além da tradicional memorização de aulas expositivas.

12. Não trabalhar no limite, esperando que com o tempo vai passar. Sempre entrar em contato com a coordenação, com os pais, com os profissionais que assistem o dislético. O stress do professor só piora o quadro, traz frustração e afeta a motivação de todos. Mantenha o bom humor e a confiança de que haverá sucesso.
13. Trabalhar sempre com o erro como forma de aprendizado e nunca como meio de punição. Ex.: se trocou letras, mostrar o erro, ler o erro, produzir o erro e estimular a classe a corrigi-lo, sem estigmatizar o aluno
14. Produzir erros “de propósito” para que os alunos descubram. Só aquele que aprendeu pode corrigir.
15. Estimular atividades conjuntas, onde um começa, o outro continua e vice-versa. Ex.: troca de cadernos, o aluno é o professor, trocam os lugares, ficam os cadernos, etc.
16. Não dar muitos exercícios repetidos. O dislético não aprende pela repetição, ao contrário, cansa-se mais facilmente e desmotiva-se.
17. Criar novas formas de ensinar a mesma coisa, pedir que as crianças elaborem exercícios, tornando-se coautoras do aprendizado.
18. Em um texto espontâneo, valorizar as ideias, o conteúdo. Dar notas separadas para a ideia e para a escrita.
19. Em provas de outras disciplinas, como ciências, história, etc., corrigir pelo conteúdo e não descontar nota por erros de português. Aumentar a exigência à medida que avançam os anos escolares.
20. Em avaliações, sublinhar (se possível) o que se está pedindo, destacando-se do enunciado da pergunta. Ensinar a criança a destacar as palavras-chave do texto.
21. Não exagerar na quantidade de tarefa e sim na qualidade. Não permitir que os pais corrijam a tarefa, para que o professor possa avaliar o nível de aprendizado e reestruturar o conteúdo.
22. Delimitar em colunas os cálculos matemáticos, para que não se confunda na orientação espacial.
23. Aceitar respostas objetivas, diretas, curtas, desde que contenham a resposta solicitada. Aumentar a exigência à medida que os anos escolares avançam.
24. Os textos do dislético tendem a ser desorganizados, com falhas na sequência dos fatos e excesso de pronomes. Explicar e numerar os parágrafos.

25. A leitura do disléxico geralmente é muito ruim, porém a compreensão pode estar preservada. Ele pode ler palavras trocadas, de conteúdo semântico semelhante. Ex.: /unir/ por /juntar/; /beber/ por /tomar/. Tolerar, desde que a compreensão seja preservada.
26. Se o professor não entendeu o que o aluno escreveu, a letra, ou o que ele quis dizer, solicitar que ele leia sua escrita, antes de corrigir.
27. Não privilegiar o disléxico em nada, apenas compreender que suas dificuldades são reais e neurológicas, que ele necessita tratamento especializado para evoluir como os demais.
28. O disléxico é tão inteligente ou mais que os outros alunos. Apresenta falhas de percepção de origem neurológica. Ele não erra de propósito, nem dispersa-se porque não está interessado. Necessita de variedade e flexibilidade por parte do professor, além de uma boa dose de paciência e tolerância.
29. Disciplina, organização e criatividade são os fatores-chave para que um disléxico tenha sucesso em sala de aula. A rigidez e os modelos preconcebidos não se encaixam com este aluno.
30. As disciplinas que envolvem memorização são dificilmente assimiladas. Use preferencialmente cartazes com resumos, com cenas, figuras alusivas ao tema, dramatizações, filmes, que facilitem a associação com o conteúdo a ser memorizado.
31. Ensinar o aluno a resumir, extrair as palavras-chave da frase, do parágrafo, do texto.
32. Ensinar o aluno a parafrasear, isto é, dizer com suas palavras o que entendeu, passando para a escrita.
33. Ensinar o aluno a ler, parar e avaliar se compreendeu. Não permitir que leia toda a página para chegar a conclusão, no final, de que não entendeu nada.

Disponível em: <http://www.metododasboquinhas.com.br/DicasSaladeAula.aspx>.

Acesso em 31/03/2017